

SENADO

PMDB quer manter a presidência do Senado e já há disputa interna

Patrícia Cunegundes e
André Barrocal
de Brasília

O PMDB brigará para manter a presidência do Senado nos próximos dois anos e já trava uma disputa interna para definir quem será o indicado. O líder do partido no Senado, Renan Calheiros (AL), que sonha com a presidência, mandou ontem um recado indireto para o senador José Sarney (AP), que está em campanha pelo mesmo cargo. "A negociação para a presidência do Senado terá que ocorrer de forma institucional, passando pelos partidos", declarou.

Para ficar com o cargo, Sarney tem a simpatia do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, a quem apoiou na eleição. Ele enfrenta resistência, no entanto, dentro da cúpula do PMDB. O comando peemedebista pretende usar a eleição para a presidência do Senado nas negociações de apoio ao PT.

"Não dá para aceitar que essa eleição se faça por cima dos partidos. Seria um péssimo precedente que pode até afetar a governabilidade", afirmou Calheiros, que cita ainda o atual presidente do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS), como nome para ocupar o cargo em 2003. Segundo Calheiros, o PMDB aguarda um convite formal do PT para negociar um eventual apoio ao novo governo.

"Não queremos cargos, queremos encargos. O PMDB tem o perfil de conversar, negociar, mas não vamos descambiar para o caminho do fisiologismo", disse Calheiros. Mesmo sem esse convite, o PMDB já marcou para terça-feira a reunião da Executiva Nacional com os governadores eleitos pela partido para decidir que relação terá com o novo governo.

De acordo com Calheiros, o di-

fícil será unificar o discurso das diversas facções do partido que, na eleição, dividiu-se entre o PSDB e o PT. O governador eleito do Paraná, Roberto Requião, por exemplo, aderiu abertamente a Lula. "A posição do governador Requião é conhecida, mas não sabemos se prevalecerá", disse Calheiros. Segundo ele, na transição o PMDB ajudará na governabilidade e aprovará tudo o que interessar ao novo governo.

Hoje, será a vez de o PFL definir sua postura em relação ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em reunião da Executiva Nacional. Os pefeлистas fizeram uma reunião preliminar ontem, no Palácio do Jaburu, residência oficial

do vice-presidente Marco Maciel. A cúpula do partido deverá anunciar que fará oposição ao PT. O presidente da sigla, senador Jorge Bornhausen (SC), considera que as divergências ideológicas com o PT inviabilizam

qualquer aproximação com o futuro governo.

O líder do partido na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), também defende manter distância do novo governo e já se autoproclama "líder da oposição" ao PT. Ele pretende constranger o novo governo já durante a transição, propondo valor de salário mínimo maior do que o PT acredita ser possível fixar e boicotando a manutenção da alíquota de 27,5% do Imposto de Renda, que os petistas pretendem preservar.

Mas há pefeлистas importantes dispostos a apoiar Lula, como os senadores eleitos Roseana Sarney (MA) e Romeu Tuma (SP). Ontem, Tuma ocupou a tribuna do Senado para discursar em favor do apoio ao presidente eleito, argumentando que o PT terá muita dificuldade para governar.